Ela Confiou na Vida

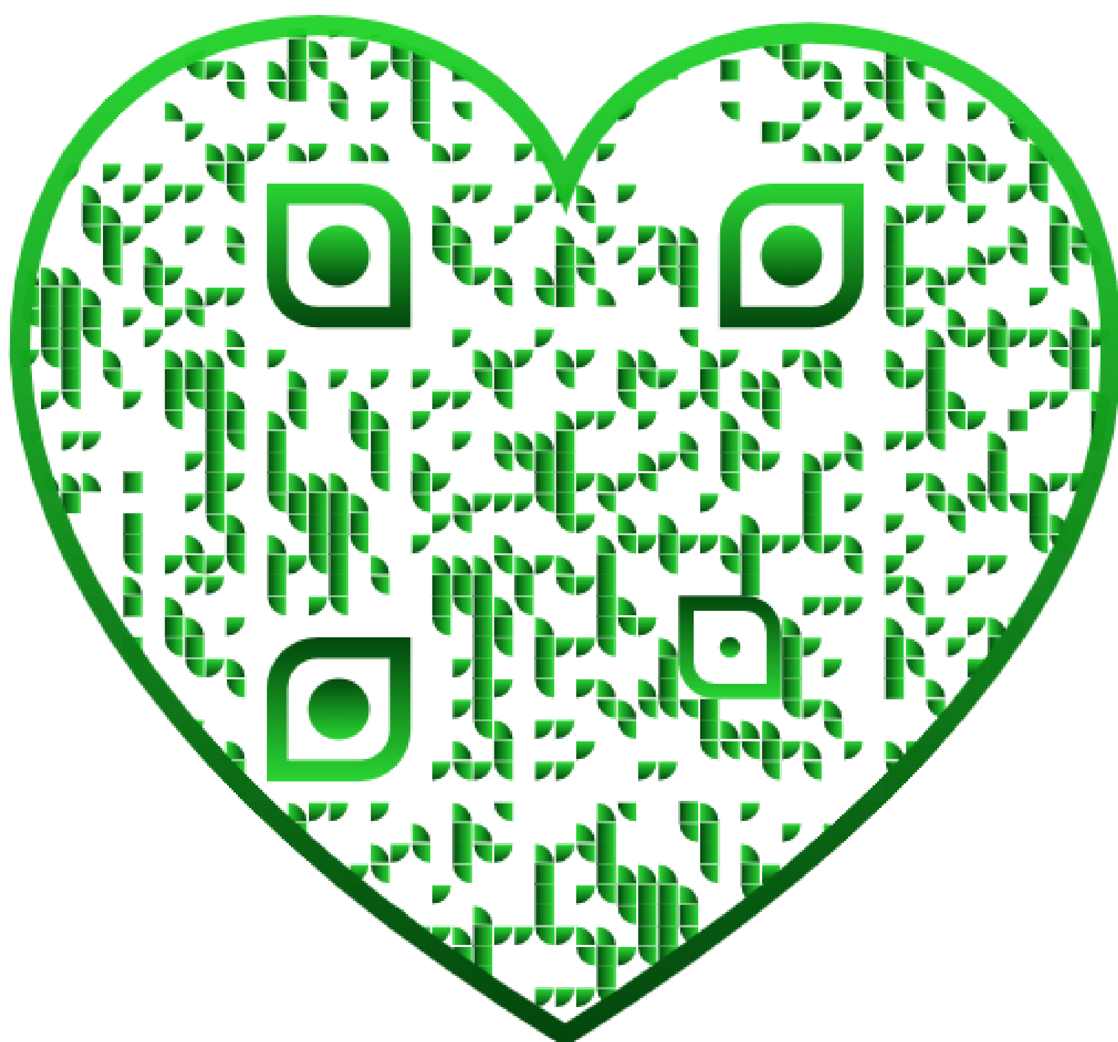
O futuro pode ser
brilhante se aprendermos
a acreditar no destino.

ZIBIA GASPARETTO

Mais de 16 milhões de livros vendidos

ROMANCE
DITADO POR LUCIUS

nascente



As coisas boas
só ocorrem quando estamos conectados com o bem.

Prólogo



Madrugada. Na colónia Campos da Paz, um grupo de espíritos deixava um dos prédios, esvoaçando rumo à crosta terrestre. À frente, uma jovem de rara beleza, rosto suave, cabelos castanhos, seguia de braços dados com Josias e Lauro. Atrás, estavam duas mulheres, concentradas, a mentalizar energias de luz sobre os três.

Pouco depois, iluminados pelos primeiros raios de luz que prenunciavam o novo dia, eles desceram até uma favela do Rio de Janeiro, pairando sobre uma barraca por alguns instantes.

Os cinco uniram as mãos em prece, e Josias pediu, emocionado:

— Senhor, estamos aqui, cheios de coragem e de amor, dispostos a fazer o melhor para realizar todos os projetos que acariciamos há tanto tempo. Ajude a nossa boa vontade, inspirando-nos. Fortaleça Milena na sua trajetória terrestre, permita que possamos apoiá-la nos momentos de dificuldade e abençoe-nos com a Sua paz.

Josias abraçou Milena, que permanecera de cabeça baixa, e sentiu o quanto ela estava angustiada.

— Calma, querida. Pensa que estaremos ao teu lado em todos os momentos!

Milena estremeceu, levantou a cabeça e fixou-o, assustada:

— Estou com medo, muito medo! Eu pensei que estivesse preparada, pronta para voltar, mas estava enganada. Sinto que

ainda não está na hora de eu reencarnar. Quero regressar para Campos da Paz!

Enquanto Milena soluçava aflita, os quatro abraçaram-na com carinho. Depois, Lauro alisou os cabelos da jovem dizendo:

— Coragem, filha! Está tudo bem. Estás a reagir ao magnetismo pesado deste local. Acalma o teu coração.

— Vou esquecer o passado e tudo o que aprendi. Preciso de mais tempo, aprender mais, ficar mais forte.

— Vais esquecer parte das tuas lembranças. O passado continuará a viver no teu subconsciente e a tua intuição é suficientemente forte para a auxiliar em todos os momentos. O importante é não dar importância às interferências negativas, que fazem parte da atmosfera da Terra e podem impressionar a tua mente. Lembra-te de que o teu espírito tem a luz divina dentro de ti e anseia pela manifestação do bem. Agindo de acordo com o que sentes no coração, terás condições de realizar tudo o que desejas — esclareceu Josias e continuou: — Coragem. Lembra-te de que és um espírito eterno, criado à semelhança de Deus. Ele colocou dentro de ti tudo aquilo de que precisas para desenvolver e fazer brilhar a tua luz! Confia!

Milena levantou a cabeça com altivez e nos seus olhos havia um novo brilho, quando ela respondeu:

— Tens razão. Desculpem a minha fraqueza. Vamos em frente! Estou pronta.

— Graças a Deus! — disseram os quatro ao mesmo tempo.

Nesse momento, um raio de luz amarela e brilhante desceu do alto sobre eles, e os cinco penetraram na barraca através do telhado. Na cama, um casal estava deitado.

Ele, negro, forte, de uns 30 anos, estava adormecido; ela, branca, franzina, aparentando 20 e poucos anos, revirava-se na cama, respirando com dificuldade.

O grupo postou-se ao redor do casal. Milena ficou atrás da cabeceira, estendeu as mãos sobre eles enquanto os demais faziam o mesmo.

Josias aproximou-se da mulher que dormia, colocou a mão direita sobre o peito e a esquerda sobre a testa dela e, aos poucos, a sua respiração foi-se normalizando.

O rapaz acordou, olhou-a preocupado e perguntou:

— Estás bem?

— Não estava, mas melhorei. Amanhã vou ao médico. Vamos ver se ele me atende.

O homem colocou a mão sobre a barriga da mulher:

— Se eu estivesse a trabalhar, teria dinheiro para pagar um médico particular. Quero que o nosso filho venha com saúde.

— Ontem conversei com a D.ª Lurdes. Ela disse que o meu caso precisa de médico.

— Como é que ela pode saber? Nem sequer tem estudos.

— Mas ela tem cinco filhos, por isso percebe do assunto.

Enquanto eles conversavam, dois espíritos doavam-lhes energias, passando as mãos pelos pontos magnéticos do corpo do casal durante um certo tempo, e, no final, estenderam as mãos sobre a testa de cada um, irradiando-lhes bons pensamentos.

— Sabes, Joana... — disse ele, de repente, e continuou: — Hoje vou sair para procurar emprego. Sinto que uma coisa boa vai acontecer.

A mulher abanou a cabeça negativamente:

— Não sei. Tu tens procurado tanto! Vida de pobre é assim... tudo é difícil!

— Eu não vou desistir. Estou disposto a aceitar qualquer coisa.

— Ontem, fui ao centro da D.ª Áurea e ela deu-me o apoio do mês. Tinha também algumas roupinhas de bebé. Ela mesma fez os sapatinhos de lã. Uma beleza!

— Ainda há gente boa neste mundo. Não podemos desanimar. Vai correr tudo bem. A nossa vida vai melhorar.

Ela pensou um pouco e respondeu:

— Gostaria de acreditar nisso. Se eu me sentisse melhor, poderia ir à casa da D.ª Vera para passar roupa a ferro, ganhar algum dinheiro.

— Nem penses nisso. O teu estado pode piorar. Enquanto não fores ao médico, não vais trabalhar.

Estava a clarear, quando ele se levantou e ela fez questão de se levantar.

— Fica deitada. Eu vou fazer o café e aquecer o pão.

— Assim, até parece que estou doente. Eu só estou grávida.

— Tu já tiveste um aborto e, desta vez, não quero que isso aconteça. Eu faço o café. Aproveita, porque é só agora! Quando souber que estás bem, vou abusar.

Joana sorriu e respondeu:

— Para com isso, Gerson. Não me quero lembrar dessas coisas.

Ele acendeu o fogão e, enquanto a água fervia, lavou a cara e vestiu-se. Depois, coou o café, aqueceu o pão, deitou café nas duas canecas, deu-lhe uma, e ela, recostada no travesseiro, recebeu a bebida quente e sentou-se, por fim, na beira da cama. Entre um gole e outro de café, comentou:

— Até fazes um café saboroso.

— Não te acostumes! É só enquanto estiveres de repouso.

Joana riu e perguntou:

— Disseste que vais procurar emprego, mas tens dinheiro para os transportes?

— Não, mas eu cá me arranjo. Tenho boas pernas.

Joana suspirou, triste, e depois disse:

— Não quero que dês conversa ao Nicola. Não gosto dele. Acho que anda metido com gente perigosa. Ele anda sempre atrás de ti. O que é que ele quer?

— Não sei, Joana. Ele vem sempre com umas grandes conversas, julga-se muito inteligente, não trabalha, de vez em quando arranja dinheiro, não se sabe onde, mas eu também não confio nele. Não quero meter-me em confusões. O meu pai sempre me ensinou que o melhor negócio ainda é o trabalho.

— Ainda bem. Ele era tão bom! É pena ter morrido tão novo. Não sei porque é que as pessoas boas morrem tão cedo. Já as más, que passam o tempo a prejudicar os outros, parecem intocáveis. Vivem bem.

— Não acredito nisso. A maldade acaba por ser castigada e um dia a casa cai. Bem, eu vou sair. Aproveita para descansar. — Gerson beijou a esposa com carinho e saiu, descendo o morro.

Uma das mulheres do grupo de espíritos acompanhou-o, enquanto na barraca Josias e Lauro se despediam de Milena.

— Nós temos de ir, mas estaremos unidos. Se precisares de alguma coisa, é só chamar — disse Josias, abraçando Milena.

— Dalva ficará contigo. Não te preocupes com nada. Tudo está sob controlo. Estamos juntos — tornou Lauro.

Eles foram-se embora, e Milena desabafou com Dalva:

— A energia daqui ainda está pesada.

— É que os dois estão preocupados, com medo do futuro. A ligação magnética entre ti e eles já começou. Joana está menos confiante do que Gerson, e tu estás a sentir o magnetismo dela.

— Às vezes, sinto vontade de deixar este lugar, ir a correr de novo para Campos da Paz.

Dalva alisou os cabelos de Milena com carinho e disse:

— Aos poucos, vais adaptar-te.

— O tempo vai custar a passar.

— Não muito. Quando a ligação se consolidar, tu não precisarás de ficar aqui até ao momento do nascimento. Ficarás no astral, a preparares-te, e só voltarás aqui no momento do nascimento.

— Quando dizes isso, fico arrepiada. Não é nada fácil nascer.

Dalva sorriu e respondeu:

— Na Terra, todos têm medo da morte, mas nascer é mais difícil do que morrer. O melhor é saber que todas essas experiências são necessárias para a conquista do progresso. É preciso olhar a inteligência da vida e saber que tudo o que ela faz é bem feito.

1



Gerson entrou em casa eufórico, com algumas compras. Joana levantou-se alegre, enquanto ele colocava os embrulhos em cima da mesa. Ela disse, sorrindo:

— Pelos vistos, pagaram-te!

— Pagaram! E foi mais do que eu esperava. Comprei tudo o que faltava e agora o nosso filho já pode nascer. Não deu para muita coisa, mas pelo menos ele terá o que vestir.

Joana quis abrir um dos embrulhos, mas Gerson pediu:

— Eu abro. Senta-te, que eu mostro-te.

Ela obedeceu, e Gerson abriu o embrulho onde havia algumas roupinhas para bebé e colocou-as no colo da esposa, que, encantada, alisou as peças.

— São lindas! Ainda bem que conseguiste. A D.ª Áurea disse que estava a preparar um enxoval para me dar, mas ainda não veio. Eu não posso ir até lá para saber se já chegou. O médico do posto disse que a criança está para nascer por estes dias e até já me deu a carta para o internamento.

— Comprei aquilo que pude. Tive de reservar uma parte para as despesas dos próximos 15 dias. Só vou receber de novo daqui a duas semanas.

— O que importa é que, quando nascer, o bebé já terá coisas para vestir. E o outro embrulho, o que é?

— Vou mostrar-te. É pano para fazer as fraldas.

Gerson abriu o pacote, colocou o pano no colo da esposa, que o abriu e observou:

— Vês, é fácil de fazer. É só cortar onde está marcado e pronto. A D.ª Ana disse que vai fazer as bainhas. Se eu tivesse uma máquina de costura, eu mesma faria.

— Tu não podes operar uma máquina agora. Mesmo que tivesses uma, eu não a deixaria nas tuas mãos. Quero que o nosso filho venha na hora certa e com saúde. Vai ser um grande menino! Aos domingos, quero sair com ele, divertir-me.

Joana ficou calada durante alguns segundos e depois disse:

— Estás a dizer que vai ser um menino, mas... e se vier uma menina? Ainda não sabemos.

Gerson olhou assustado e respondeu:

— Não digas isso nem a brincar!

— Nós temos de aceitar o que Deus nos mandar. Quem escolhe é Ele!

— Mas Ele não vai fazer isso comigo. Uma filha só dá trabalho. Como é que nós vamos tomar conta dela? Já um menino é mais fácil. Não nos sentimos tão presos.

Joana pensou um pouco e depois sentenciou:

— Tanto um como o outro podem dar trabalho se não tiverem juízo. É preciso saber educar um filho.

— Sim, mas eu prefiro um menino.

— A minha mãe costumava dizer que um filho traz sempre boa sorte, se nós soubermos dar-lhe valor. Não importa o sexo da criança.

— Sabes que ela tinha razão? Foi depois de tu ficares grávida que eu arranjei emprego com contrato. Nunca antes o tinha conseguido.

— Veio em boa hora, porque eu tive de parar com as limpezas.



A noite já tinha caído sobre aquela faixa da Terra, e o casal continuava a conversar, quando um grupo de espíritos, envolvido numa luz amarelada muito clara, entrou pelo telhado da barraca.

Josias e Lauro, um de cada lado, seguravam a alça de um cesto almofadado, envolvido por uma luz de tom azul-claro, onde havia um bebé adormecido. Maria acompanhava-os. Dalva, que estava na barraca, apressou-se a recebê-los.

— Então, está na hora?

— Sim — respondeu Josias.

— Ela está bem?

— Está.

Uma faixa de luz veio do alto em direção à cabeceira da cama, sobre a qual Josias e Lauro colocaram o cesto. Depois, Dalva postou-se à frente de Joana, enquanto Maria se posicionava atrás da gestante.

Juntos, os espíritos levantaram as mãos e começaram a orar e das suas mãos saíam luzes coloridas que caíam sobre Joana.

Ela, então, começou a bocejar, e Gerson comentou:

— Já estás com sono?

— Estou. Vou-me deitar.

— Está bem. Eu também estou cansado. Vou dormir.

O casal deitou-se e adormeceu pouco depois. O espírito de Gerson deixou o corpo e saiu da barraca rapidamente.

— É melhor que ele não esteja aqui — comentou Josias.

O espírito de Joana saiu do corpo e ficou ao lado, sentindo-se exausto e temeroso. Lauro aproximou-se, concentrou-se e ouviu os pensamentos de Joana:

— Não aguento mais. Estou sem ar. A dor nas costas não me deixa dormir. E se o meu filho nascer doente? Será que vai ser perfeito? Estou com medo. E se eu morrer como a mulher do João? Meu Deus, porque é que eu quis ter um filho?

— Precisamos de acalmá-la. Está confusa. Tem medo de que a criança não nasça perfeita — comentou Lauro.

— Vou ajudá-la. Apoia-a, enquanto eu lhe mostro o bebé — sugeriu Josias.

Enquanto Lauro colocava a mão na nuca de Joana, Josias foi até ao cesto e tomou o bebé nos braços com carinho. Nesse momento, a criança abriu os olhos e, vendo-o, sorriu. Josias colocou o bebé diante do espírito de Joana e, ligando-se a ela, disse:

— Vê, Joana, esta é a Milena, a tua filha! Ela é linda e saudável.

O espírito de Joana viu Josias a segurar o bebé, que, de olhos abertos, a fitava e sorria.

— É uma menina — gritou Joana. — E é muito linda!

A emoção foi tamanha que ela mergulhou no corpo e acordou, tendo ainda nítida aquela visão.

Gerson acordou assustado e perguntou:

— O que foi, mulher? Estás a sentir-te bem?

— Agora estou. Nós vamos ter uma menina e ela vai ter saúde! O nome dela é Milena. Deus seja louvado!

— Como é que sabes isso?

— Eu vi-a. É linda e saudável! Graças a Deus!

— Foi só um sonho! — Gerson duvidou.

— Não foi! Ela está aqui e chama-se Milena.

Joana afirmou isto com tanta segurança que Gerson, embora não acreditasse muito no que ouvira, respondeu para confortá-la:

— Está bem. Se for menina chamar-se-á Milena.

Feliz, Joana suspirou, passou o braço sobre o marido e adormeceu novamente. Uma hora depois, acordou a sentir uma cólica forte e sacudiu o marido dizendo:

— Acorda, Gerson! Estou cheia de dores!

Ele levantou-se da cama:

— O que é que estás a sentir? Será que chegou a hora?

Joana sentou-se com a mão na barriga e disse, aflita:

— Corre! Vai chamar a D.ª Lurdes!

— Vou avisar o João. Vamos para o hospital!

Gerson correu para acordar o amigo, que lhe prometera levá-los ao hospital quando chegasse a hora do nascimento. João apareceu de imediato e teve de ajudar Gerson a carregar Joana até ao carro, uma vez que ela não conseguia andar.

Acomodaram-se no carro, e Gerson, vendo que o dia já estava a começar a clarear, olhou para o rosto crispado de dor de Joana e disse, preocupado:

— Que Deus nos ajude e tudo corra bem!

— Vai correr sim, Gerson. Deus é grande! — respondeu João.

Eles não podiam ver, mas o grupo de amigos espirituais, que acompanhara Milena desde o início, estava ao lado deles, com a fisionomia calma e certos de que tudo correria bem.

O parto foi normal. A menina chorou com força, mostrando que viera ao mundo com saúde e disposta a viver. Joana chorou comovida quando uma enfermeira colocou a filha nos seus braços, dizendo:

— Veja, mãe, que filha linda tem!

— O nome dela é Milena! — Foi tudo o que Joana conseguiu dizer, engasgada pela emoção.

— É um nome lindo! Vou cuidar dela agora. Mais tarde levá-la-ei à enfermaria.

Uma onda de alegria envolveu o coração de Joana. Enquanto o médico terminava o atendimento, ela, comovida e em silêncio,

murmurou uma sentida prece de agradecimento a Deus por lhe ter dado uma filha.

Mais tarde, quando Gerson foi vê-la à enfermaria, a primeira coisa que Joana lhe disse foi:

— Eu não disse que era uma menina? Vai chamar-se Milena.

Apesar de se sentir um pouco desapontado por não ganhar o tão esperado menino, Gerson respondeu:

— Está bem. Será Milena. Veio uma menina, mas eu não desisto. Depois vamos ter outro e será um menino.

— Vira essa boca pra lá! Eu não quero mais filhos, podes esquecer.

— Um é pouco. Eu quero um menino.

— Quem tem de aguentar o peso da barriga e as dores do parto sou eu! Acho que chega. Não é preciso mais.

Gerson riu com gosto e depois comentou:

— Com o tempo, vais esquecer-te do que disseste. Se fosse assim, nenhuma mulher teria mais filhos.

O horário da visita acabou, e Gerson deixou a enfermaria para ir até ao berçário ver a filha. Assim que ele se aproximou do vidro, a enfermeira pegou em Milena e levantou-a para que o pai a visse. A menina dormia tranquila, e ele comoveu-se ao pensar que aquele pedacinho de gente era a sua filha.

Depois, examinando-lhe os traços, tentou ver com quem ela se parecia. Mas a pele morena clara, o rosto redondo e os traços delicados indicavam que ela não se parecia com ninguém.

João aproximou-se, dizendo:

— Eu sabia que estarias aqui, todo babado, como todos os pais de primeira viagem. Quando estiver no quarto filho, como eu, já estará acostumado.

— Ela é linda!

João balançou a cabeça, sorrindo:

— Isso é típico dos pais! Todos os recém-nascidos são iguais, Gerson! Só quando crescem é que ficam com cara de gente.

— Não é nada! Ela tem traços delicados como os da Joana e a pele mais clara do que a minha.

João riu com gosto e comentou:

— Claro que ela não tem a tua cara! Tu és muito feio!

Gerson levantou o rosto com altivez e respondeu:

— Mas muitas mulheres fazem-me pensar o contrário! Estão sempre a fazer-me elogios! Já tu, mesmo sendo mais claro do que eu, não tens sorte com elas.

— Deixa-te de conversas e vamos comemorar! Tu não vais pagar uma cerveja ao teu amigo?

— Vou, sim. Estou aliviado. Correu tudo bem.

— Agora é que tudo vai começar. Tu vais ver que o teu sono acabou! E quando crescem, ficam ainda piores. Os filhos só servem para dar trabalho e tirar-nos do sério.

— Deixa-te disso. Falas de barriga cheia. Os teus filhos são ótimos.

João sorriu, satisfeito. Nada lhe agradava mais do que ouvir elogios aos seus filhos.

Três dias depois, Gerson foi buscar a mulher e a filha à maternidade. Ao ver Joana feliz, com a filha nos braços, enrolada numa manta cor-de-rosa, emocionou-se e tentou dissimular. Não queria parecer demasiado sensível.

Joana descobriu a carinha da menina e disse, sorrindo:

— Vê como ela é linda!

Nesse momento, Milena abriu os olhos e fixou-os no pai. Gerson não se conteve:

— Ela está a reconhecer-me! Sabe que sou o pai dela!

Joana riu-se e comentou:

— Não sejas parvo. É cedo para ela saber disso.

Milena estava com a mãozinha fechada, e Gerson tentou examiná-la, quando foi surpreendido pela bebé, que segurou um dos dedos do pai com força. Ele comentou:

— Viste? Ela sabe quem eu sou!

Joana riu, balançou a cabeça e perguntou:

— O João veio contigo?

— Veio. Está no carro à nossa espera.

— Ele tem-nos ajudado muito. Temos de lhe agradecer.

— Eu sempre disse que ele um dia seria nosso compadre. Vamos pedir-lhe para ele batizar a Milena.

— Sim, vamos.

Meia hora depois, eles estavam a subir o morro parando aqui e ali, para receber os cumprimentos de alguns amigos que queriam ver a menina. Joana afastava a fralda que colocara sobre a carinha da filha, a fim de protegê-la, e sorria orgulhosa ao ouvir os elogios.

Ao entrar em casa, notou que tudo estava arrumado. Havia uma panela sobre o fogão, uma garrafa térmica e pão sobre a mesa.

Joana colocou o bebé na cama e destapou a panela, que continha uma canja. Gerson aproximou-se:

— Foi a Zefa. Ela veio com o João, trouxe uma sacola e disse que ia deixar tudo pronto, porque tu precisas de descansar e de te alimentar bem. Ela vem mais tarde para nos ajudar.

— Que bom. Ela vai-me ensinar a cuidar da menina. É tão pequena... tenho medo.

— Ela é pequena, mas é muito forte! Viste como segurou o meu dedo? Não precisas de ter medo.

— A Milena precisa de tomar banho todos os dias, e a enfermeira ensinou-me como se faz. Mas eu não sei se vou lembrar-me de tudo e conseguir fazer as coisas bem.

— Vou aquecer o leite para tu tomares. Também há pão acabado de fazer. Estava quente quando o comprei.

— Eu tomei café no hospital, mas acho que vou tomar outro. Esse pão está com uma cara...

— Vou fazer-te companhia. Estou de folga hoje.

Gerson aqueceu o leite, e o casal sentou-se para comer.

— Ainda não deu para comprar o berço — comentou Joana. — Na semana que vem, vou voltar a trabalhar na casa da D.ª Vera.

— Nada disso. Tu estás em convalescença. Além disso, tens de cuidar da Milena. Vou comprar o berço quando receber o pagamento na semana que vem. Agora tens de ficar em casa.

— D.ª Áurea disse-me que ia receber um berço e que, quando ele chegasse, ia dar-mo. Mas eu não sei quando é que isso vai acontecer.

— Eu queria muito comprar um novinho para ela — comentou Gerson.

— Eu também. Mas se não precisarmos de comprar o berço, talvez possamos comprar um carrinho.

— Eu encostei duas cadeiras ao canto e aproximei a cama. Assim, ela não vai cair.

Joana foi ver o arranjo e concordou:

— Ficou macia.

— São as tuas almofadas. Ficaram mesmo bem naquele espaço.

Milena começou a chorar, e Joana pegou-a nos braços e começou a balançá-la lentamente. Ao ver que a menina procurava algo com a boca aberta, disse:

— Ela deve estar com fome.

Joana acomodou-se e ofereceu o seio, mais volumoso do que de costume, à filha. Milena, então, começou a sugá-lo, enquanto Gerson contemplava a cena, emocionado. Ele nunca imaginara

que aquela criança tão pequena pudesse provocar-lhe tantas emoções. Sentia-se forte, motivado a trabalhar, progredir na vida, ter tudo do bom e do melhor, para que Milena pudesse ser feliz.

Gerson sentou-se na cama ao lado da esposa e da filha e ficou a observá-las. Depois de alguns minutos, disse, com ar sério:

— Estou a pensar em arranjar um trabalho extra.

Joana fixou-o, admirada:

— Tu trabalhas o dia inteiro. Não tens tempo para isso.

— Ah! Estive a observar as pessoas que vendem coisas na rua e pensei em trabalhar nas horas de folga.

— Para isso, tu precisas de ter dinheiro para comprar as mercadorias para vender.

— Não quero vender mercadorias. Estive a ver com atenção, Joana... O que mais vende é comida, principalmente na praia. Eles conseguem vender tudo o que têm.

— A praia funciona de dia, Gerson, e tu trabalhas o dia inteiro.

— Posso começar nos fins de semana.

Joana riu-se e perguntou:

— Mas tu não sabes cozinhar. O que é que pensas vender?

— Sanduíches. Qualquer um sabe fazer sanduíches. Acho que posso fazer isso.

— Mesmo assim, precisas de ter algum capital para começar o negócio. E as sanduíches têm que ser saborosas e ter boa apresentação. Não podes vender uma coisa sem qualidade.

Gerson levantou a cabeça e disse com firmeza:

— Eu sei disso. Quero fazer uma coisa saborosa e com muito asseio. Amanhã é sábado. Estarei de folga, por isso vou dar uma volta por aí. Quero observar os melhores vendedores e aprender como eles trabalham.

Joana ficou pensativa durante alguns minutos e depois considerou:

— Sabes que é uma boa ideia? Eu posso ajudar-te, e nós, juntos, poderemos melhorar de vida.

No dia seguinte, Gerson foi passear pela praia, para observar os vendedores. Uma mulher de meia-idade andava pela areia, a vender salgadinhos que transportava numa cesta de vime a tiracolo, forrada com panos de loiça muito alvos. Seguiu-a e notou que, em menos de uma hora, ela vendera tudo.

Gerson aproximou-se da mulher e disse:

— Que salgadinhos é que a senhora tem aí?

Ela olhou para ele, sorriu e respondeu:

— Agora já não tenho nada. Acabaram.

— Que pena. Disseram-me que os seus são os melhores.

— Eu faço por isso. Mas amanhã estarei de volta às 10 da manhã. Apareça.

A vendedora foi-se embora, e Gerson circulou pela praia mais um pouco. Depois, passou na padaria, perguntou alguns preços e foi para casa a pensar no que iria fazer.

Assim que chegou, contou a Joana tudo o que observara e finalizou:

— Na próxima semana, receberei o pagamento e comprarei algumas coisas para começar a fazer algumas sanduíches. Além disso, vou precisar de uma cesta, panos de loiça e guardanapos de papel.

— Achas que isso vai resultar?

— Acho. Só não sei se o dinheiro vai dar para tudo.

— Temos de guardar para as despesas.

— O que me agradou foi que as pessoas pagam as sanduíches no momento, com dinheiro vivo. Vou gastar, mas também

receberei depois. E o lucro das vendas vai dar para dobrar a quantidade de sanduíches. Vou comprar tudo de primeira qualidade. As pessoas gostam do que é bom. Não vou economizar. Quero ter muitos clientes.

— Eu quero ajudar-te. Que sanduíches é que vais fazer?

— Tenho estado a pensar nisso. Por enquanto, só dois tipos. Sanduíches simples, mas saborosas.

Gerson sentou-se na beira da cama e comentou:

— A minha mãe fazia sanduíches deliciosas!

— Ela foi cozinheira da D.ª Julieta durante muitos anos. Quando encontro a D.ª Julieta na rua, ela pergunta por ti e costuma dizer que, desde que a D.ª Maria morreu, nunca mais encontrou outra cozinheira como ela.

Gerson ficou pensativo durante alguns instantes e depois comentou:

— Se ela estivesse viva, ajudar-nos-ia. Sinto muito a falta dela.

— A D.ª Julieta contou-me que, no outro dia, sonhou com a tua mãe. Ela pedia-lhe que nos ajudasse. Foi por causa disso que a D.ª Julieta nos deu aquelas roupinhas para a Milena. Achas que foi mesmo a alma da D.ª Maria que fez esse pedido?

— Não sei. Porque é que estás a dizer isso?

— Porque a D.ª Áurea disse no centro que a alma da tua mãe estava perto de mim. Eu fiquei com medo, mas depois pensei... A D.ª Maria era muito boa e gostava muito de mim. Não iria fazer-me mal.

— Claro que não. A minha mãe sempre foi muito boa. Na próxima semana, vou receber o pagamento e preparar tudo. Se tudo correr bem, no fim de semana que vem, vou começar a trabalhar na praia.

— Oxalá corra tudo bem.

Milena começou a chorar, e Joana apressou-se a pegar-lhe ao colo, enquanto Gerson apanhava um pedaço de papel e fazia contas para saber quanto dinheiro ia ter para começar o negócio.

2



Fazia alguns meses que Gerson tinha começado a vender lanches na praia e, cada dia que passava, a clientela aumentava. Joana auxiliava-o, e o dinheiro obtido com as vendas começou a multiplicar-se.

O casal guardava-o numa velha bolsa de couro que Joana ganhara e colocava-a debaixo do colchão.

Uma manhã, João foi visitá-los e surpreendeu-os a contar o dinheiro diante da bolsa aberta. Então, disse, admirado:

— Vejo que estão a ganhar dinheiro!

— Até estou a pensar em deixar o emprego para ter mais tempo para trabalhar na praia.

— Cuidado! Não podes deixar todo esse dinheiro em casa! É muito perigoso — recomendou João.

— Nós escondemo-lo debaixo do colchão. Ninguém vê — esclareceu Joana.

— Estão a facilitar. A malandragem anda à solta. Amanhã, vais abrir uma conta no banco para depositar o dinheiro!

Gerson pensou um pouco e respondeu:

— Às vezes, sinto medo. Nunca entrei num banco e não sei como abrir uma conta. E como é que eu vou tirar o dinheiro para fazer as compras?

— Não te preocupes. Vais poder usar um cartão e cheques para fazer as compras. Por agora, separa o dinheiro que vais

precisar durante uma semana e deposita o restante no banco. É mais seguro.

Pensativo, Gerson coçou a cabeça, e João reforçou:

— Tu agora és um comerciante. Um homem de negócios. O banco existe para proteger o teu dinheiro.

— Quanto é que o banco me vai cobrar para fazer isso?

— Pequenas taxas. Mas vale a pena. Vais poder dormir sossegado. E, mais tarde, poderás até aplicar algum dinheiro e ganhar uma boa quantia com isso.

— Tens a certeza de que eles vão abrir uma conta pra mim?

— Tenho. És um trabalhador honesto, sabes ler e escrever, os teus documentos estão em ordem. Eles até vão ficar honrados em fazer isso.

— Está bem. Amanhã cedo vamos tratar disso.

Não foi difícil para Gerson abrir a conta e depositar o dinheiro no banco. Satisfeito, despediu-se do amigo à saída da agência, com um comprovativo do depósito no bolso, sentindo-se orgulhoso dos seus progressos.

Mais tarde, chegou a casa bem-disposto e exibiu os documentos a Joana, que sorriu, entusiasmada:

— Eu sabia que ias fazer tudo bem. O compadre sabe lidar com essas coisas.

— Agora estou a aprender e garanto que sei fazer contas muito bem. Não vai haver mais ninguém a passar-me a perna.

— Isto merece uma comemoração — disse João. — Mais tarde, vou trazer uma carne para a Zefa temperar. Vou pedir-lhe para preparar uma boa salada de batatas, e vamos fazer um churrasco.

— A Joana vai fazer uma deliciosa limonada, bem gelada.

Quando João saiu, Joana fixou o marido e tornou:

— Que história é essa de dizeres que vais deixar o emprego?

— Fiz as contas e cheguei à conclusão de que posso ganhar muito mais se me dedicar só ao nosso negócio. Posso economizar e comprar até um carrinho, bonito, moderno, com guarda-sol e tudo.

— Creio que ainda é cedo para pensares em sair do emprego, Gerson. O que é que vais fazer no inverno, quando a praia não tiver ninguém? Agora estás a vender bem porque no verão a praia está cheia. Assim que o tempo esfriar, ninguém vai para lá.

— É verdade! Não tinha pensado nisso!

Gerson ficou em silêncio por alguns segundos e depois disse:

— Mas se eu já tiver o carrinho, posso vender cachorros ou outro tipo de sanduíches nas escolas. Ninguém vai deixar de ir à escola por causa do frio.

Joana riu-se com gosto:

— Tu pensas em tudo! Mas um carrinho desses é caro. Ainda falta algum tempo para podermos comprá-lo. E tu ainda vais ter de tirar uma licença na Câmara para poderes fazer esse trabalho.

— Não faz mal. Vou informar-me sobre isso, tentar saber quanto custa e tudo o mais. Estou certo de que vamos conseguir.

Joana olhou-o, embevecida. Quando Gerson dizia uma coisa, sabia que ele iria em frente. Abraçou-o, dizendo com carinho:

— És um homem inteligente e trabalhador. Sei que vais conseguir tudo o que quiseres!

Os olhos de Gerson brilharam quando respondeu:

— A nossa Milena vai crescer, estudar e ter tudo o que nós não pudemos ter. Vais ver!

Joana tinha razão em confiar no marido. Depois de se informar sobre tudo o que precisava para realizar os seus objetivos, Gerson conseguiu aumentar as vendas nos meses seguintes.

Joana ajudava-o com alegria e boa disposição, e o dinheiro no banco foi aumentando.



Quando Gerson conseguiu juntar o dinheiro para dar a entrada para a compra do carrinho e manter uma reserva para as primeiras despesas, finalmente conquistou o que queria. Comprou o carrinho e levou-o para casa satisfeito.

— Joana, vê como é lindo! Tem tudo aquilo de que precisamos e até lugar para guardar as coisas.

— É mais bonito do que aquele que estava lá.

Gerson desejava deixar o emprego, mas Joana não concordou com o marido:

— É melhor esperar os dois meses que faltam para as tuas férias. Entretanto, podes começar a trabalhar aos fins de semana. Até lá, vamos fazendo as contas e planear tudo. É mais seguro.

— Estou ansioso para começar! Tenho a certeza de que vai correr tudo bem.

— Podes começar a praticar neste fim de semana.

— Vai ficar tudo muito apertado com o carrinho aqui, mas não temos alternativa.

— Por enquanto, temos de aguentar. A Zefa tem um espaço que costumava alugar ao Zé. Como ele voltou para Minas, o quarto está vazio. Vamos dizer-lhe que queremos alugá-lo. Lá, o nosso carrinho estará seguro.

Gerson pensou um pouco e respondeu:

— Eu preferia guardá-lo aqui em casa.

— Vamos alugar o espaço e guardar lá parte das nossas coisas. Também acho melhor o carrinho ficar aqui.

— Joana, eu vou trabalhar muito e, quando pudermos, vamos alugar uma casinha, mesmo que seja pequena, para deixarmos

a favela. Vai ser muito bom ter uma casa, ter uma vida mais confortável.

Os olhos de Joana lacrimejaram e ela tentou dissimular a emoção. Gerson continuou:

— Temos muitos amigos aqui. Há muita gente boa, mas estou a pensar sobretudo na Milena. Eu gostava de lhe dar uma vida melhor.

— Eu também. Desde que ela nasceu, a nossa vida mudou. A nossa filha trouxe-nos sorte. Quando pego nela ao colo e ela me olha com aqueles olhinhos brilhantes, como se quisesse falar comigo, sinto um calor no peito... uma alegria que não tem explicação.

— É o amor, Joana. Eu também sinto. Foi esse amor que me deu coragem para trabalhar mais e mudar a nossa vida para melhor.

Gerson e Joana não podiam ver, mas Josias e Maria estavam ao lado deles, envolvendo-os com carinho. Sempre que podiam, eles apareciam lá para protegê-los, revezando-se com Lauro e Dalva.

Como tinham prometido a Milena, os dois acompanhavam a família, oferecendo-lhe energias de amor e paz.



O carrinho de cachorros de Gerson foi um sucesso. Além disso, ele fazia outras sanduíches para vender e colocava-as na pequena vitrina lateral. Foi assim que ele conseguiu fazer clientela.

Depois de deixar o emprego, Gerson vendia as suas sanduíches não só na praia, como também à porta de uma faculdade.

Depressa conquistou a preferência dos estudantes com a sua simpatia, com a qualidade dos seus produtos e com as condições de higiene do carrinho, sempre impecáveis.

Gerson sentia-se orgulhoso quando os professores compravam as suas sanduíches. Joana sentia-se feliz com o sucesso do marido e auxiliava-o a manter tudo em ordem.



O tempo foi passando e Milena cresceu saudável e alegre. Aos 3 anos de idade, ela já dizia tudo e a linguagem que utilizava fazia a alegria dos pais.

Uma tarde, enquanto Joana estava entretida a passar a ferro uma camisa do marido e a ouvir rádio, Milena, sentada no chão, brincava com algumas panelinhas.

Joana, de repente, começou a ouvir a voz da filha, que ria e conversava animada com alguém.

Apesar de Joana ter olhado à sua volta e ter percebido que não estava ninguém em casa, Milena continuava a falar e a brincar com as suas panelinhas.

Joana desligou o ferro, baixou o volume do rádio, aproximou-se da filha e perguntou:

— Estás a falar comigo?

— Não. Estou a conversar com o meu amigo.

Joana balançou a cabeça e pensou: «Ela está a fingir».

Nesse instante, Milena soltou uma gargalhada e disse:

— Tu não sabes segurar a panela! Eu faço isso.

— Quem é que não sabe segurar a panela?

— O Nico.

— Quem é o Nico?

— O meu amigo. Ele quer pegar na panela, mas a mão dele atravessa o cabo!

Joana olhou-a um pouco assustada e disse:

— Estás a enganar-me. Não está aqui ninguém.

— Está, sim. Não estás a ver, mãe? Ele está a rir.

— Não estou a ver ninguém.

— Ele está a ir-se embora...

Quando Gerson chegou para jantar, Milena já estava a dormir. Joana chamou o marido para conversar:

— Vê tu o que a Milena disse quando estava sozinha: «A mão dele atravessa o cabo!». Só pode ser uma alma do outro mundo, Gerson!

— Nada disso, mulher! As crianças têm muita imaginação. A Milena fica muito sozinha aqui. Tu não queres que ela vá para a creche! Lá, ela teria outras crianças para brincar.

— Não é isso. Eu quero tomar conta dela. Amanhã mesmo, vou levá-la à D.ª Áurea. Se houver alguma coisa estranha, ela vai perceber e vai dizer-me.

Gerson irritou-se e respondeu:

— Faz como quiseres.

Mas, nos dias seguintes, Joana esqueceu-se do assunto e só se lembrou dele quando, quase uma semana depois, a situação se repetiu. Milena estava a cantarolar uma música e, quando a mãe lhe perguntou que canção era aquela, ela respondeu:

— É nova. Estou a aprendê-la. O Nico está a ensinar-me. Ele toca e eu canto.

Desta vez, Joana decidiu que iria levar Milena à noite ao centro e falar com D.ª Áurea.

Nessa noite, Gerson terminaria o trabalho mais cedo e prometeu acompanhá-las.

D.ª Áurea era uma senhora muito respeitada na comunidade, porque, além do atendimento espiritual, ela dedicava-se ao apoio social, prestando serviços diversos, com a colaboração de um bom número de voluntários sempre dispostos a auxiliar as pessoas. Por isso, o seu centro estava constantemente cheio.

Uma funcionária reconheceu Joana e abraçou-a.

— Eu gostaria de falar com a D.ª Áurea.

— Ela está a atender uma pessoa, mas, assim que acabar, irá recebê-la. As crianças têm prioridade.

Joana agradeceu à funcionária e sentou-se, com Milena e Gerson. Meia hora depois, foram conduzidos à sala de D.ª Áurea, que se levantou para abraçá-los.

— Que bom vê-los! A Milena está tão grande e tão bonita!

— É sobre ela que quero falar com a senhora.

Joana piscou levemente o olho a D.ª Áurea e continuou:

— Ela costuma brincar com um menino desconhecido que não consegue segurar o cabo da panela dela. Mas só ela é que vê esse menino, mais ninguém o vê.

Áurea passou a mão na cabecinha da menina com carinho e sorriu-lhe dizendo:

— Eu também estou a ver. É o Nico. Um menino muito bom, alegre e com um grande coração.

Os olhos de Milena brilharam:

— Isso mesmo. Ele é meu amigo. Eu gosto muito de brincar com ele!

Os pais da menina olhavam-na, admirados e receosos.

— Certamente, a senhora vai dizer a esse menino que é melhor ele ir-se embora — tornou Joana, preocupada.

— Não posso fazer isso e explico-lhe porquê. O Sr. Gerson não poderia levar a Milena a conhecer a nossa livraria? Ela pode escolher o livro de que mais gostar. É um presente meu. Entretanto, nós as duas poderemos conversar.

Gerson obedeceu e levou Milena consigo. Assim que se viu a sós com Áurea, Joana pediu:

— Por favor, D.ª Áurea, afaste esse espírito da Milena. Eu morro de medo!

— Acalme-se, Joana. Eu posso pedir-lhe que se afaste, mas outros espíritos virão. A Milena é sensitiva. É impossível impedir que ela os veja, converse e interaja com eles.

— Meu Deus! Como é que isso pode ser?

— Não tenha medo, Joana. A mediunidade é um bem e, no caso dela, no nível em que está, só lhe trará benefícios. O que vocês precisam é de estudar e aprender a lidar com o assunto.

— Mas eu fico muito nervosa quando a Milena conversa com alguém que eu não vejo! Parece-me perigoso… Ela é muito pequena, D.ª Áurea.

— Para ela, é apenas uma brincadeira. Não leve isso tão a sério. Quando acontecer, não dê importância. Acredite: a Milena está protegida.

— A senhora não pode fazer nada para impedir que isso aconteça? Farei o que quiser.

Áurea fechou os olhos e ficou alguns segundos em silêncio. Depois, fixou Joana e disse:

— Vou indicar um tratamento espiritual de renovação energética. Vocês terão de vir aqui uma vez por semana, durante um mês, para receber assistência. Depois, voltaremos a conversar para aferir os resultados.

— O Gerson também?

— Sim.

— Ela vai ficar curada?

— A Milena não está doente, Joana. Ela vai apenas receber apoio e proteção. Gostaria que cooperasse durante o tratamento, confiando na ajuda de Deus e mantendo a calma. A sua filha está muito bem. Não há nada a temer. Garanto-lhe.

— Está bem. Se a senhora diz, eu acredito. Tem-nos ajudado muito e estou-lhe muito grata.

— É importante que a Joana e o Gerson mantenham a fé em Deus e tenham bons pensamentos. Quando a Joana não

confia e sente medo, pensa que vai acontecer algum mal. Com isso, você anula o auxílio e ainda abre espaço para o mal entrar.

— Como é que eu posso fazer isso? Às vezes, os pensamentos maus aparecem do nada e assustam-me. E eu não sei lidar com isso, pois eles ficam a martelar na minha cabeça.

— Ao agir assim, você está a alimentar esses pensamentos. E assim atrai aquilo que teme. Não dê importância ao mal. É apenas um pensamento. Quando isso acontecer, pense em alguma coisa boa, faça alguma coisa que lhe dê prazer, oiça música, cante, reze. O importante é evitar esses pensamentos nocivos, para que a maldade não se instale.

— Mas eu evito. Não gosto de prejudicar ninguém.

— Eu sei disso, Joana, mas saiba que há muitas pessoas maldosas à nossa volta. Como você sabe, irradia energias à sua volta e, quem estiver perto ou se lembrar de si, poderá senti-las. Se deseja que a Milena esteja bem, a Joana e o Gerson precisam de ter sempre bons pensamentos. A melhor proteção é estar bem.

— Está bem. Já percebi. Farei tudo para que a minha casa esteja sempre em paz.

Áurea entregou a Joana o guia de tratamento e disse:

— Daqui a quatro semanas, venha falar comigo.

Joana deixou a sala e foi até à pequena livraria procurar o marido. Encontrou-o sentado com Milena no colo, segurando um livro e lendo-o à filha com entusiasmo.

No caminho de regresso a casa, Joana queria relatar a conversa que tivera com Áurea, mas Milena queria que o pai contasse de novo a história do livrinho que ganhara.

— Eu já contei essa história duas vezes, filha! Agora quero conversar com a tua mãe!

— Eu *quelo* mais. Onde é que o coelho se escondeu? O gato comeu-o?

— Não. O coelho foi mais esperto e fugiu.

— Pra onde é que ele foi?

— Para a casa onde estava a mãe dele.

Joana abanou a cabeça e decidiu:

— Continua a contar a história. Em casa, eu conto-te a conversa.

Assim que chegaram, Joana preparou o leite que Milena gostava de tomar antes de dormir. A criança ficou o tempo todo com o livrinho de histórias na mão, folheando-o, observando tudo com atenção, até que não resistiu ao sono e adormeceu.

— Não pensei que a Milena gostasse tanto de histórias. Devias ver o entusiasmo dela quando entrámos na livraria. Queria ver tudo!

Enquanto Joana arrumava a louça do jantar que havia ficado para lavar, e Gerson a ajudava, os dois puderam finalmente conversar. Ele quis saber tudo o que a D.ª Áurea dissera.

— Eu não entendi muito bem. A D.ª Áurea disse que eu podia pedir ao menino que se fosse embora, mas que outros viriam no lugar dele, porque a Milena é sensitiva e não dá para mudar isso. Ela disse também que ser médium é muito bom, só que eu tenho medo de ver a minha filha a conviver com pessoas que já morreram.

— Disseste-lhe isso?

— Disse. E ela aconselhou um tratamento espiritual para nós os três. Vamos ver como vai resultar.

Gerson ficou em silêncio, pensativo. Depois de alguns instantes, perguntou:

— Esse tratamento consiste em ter consultas no centro?

— Isso mesmo. Nós os três. A D.ª Áurea disse-me que, para ajudarmos a nossa filha, vamos ter de pensar no bem, ter fé e rezar. Achas que vai dar resultado?

— Eu tenho fé. Afinal, a D.ª Áurea é uma pessoa muito boa e já ajudou muita gente. Vamos confiar e fazer o que ela disse. Apesar do que está a acontecer, a Milena está muito bem.

— Tens razão. Temos de preparar alguma coisa para amanhã?

— Vamos fazer algumas sanduíches iguais às que fizemos ontem. Todos gostaram muito e acabaram depressa.

Enquanto preparavam as sanduíches, Joana disse:

— A Milena adorou aquela história. Quero que ma contes, porque amanhã ela vai querer que eu a leia de novo.

— Então basta que a leias.

— Não. Além de a leres, eu vi que imitavas o gato, o coelho e todos os outros. Os olhinhos dela brilhavam. Como é que fazes isso?

Gerson deu uma gargalhada e respondeu:

— Vou explicar-te. Já reparaste como o gato faz quando vai caçar um passarinho? É só imitar. E já reparaste na rapidez com que um coelho foge quando é perseguido?

Joana começou a rir e comentou:

— Tu devias ir trabalhar para o circo. Nunca vi ninguém contar uma história com tanto entusiasmo. Até eu fiquei com vontade de ler a história toda.

— Está tudo pronto para amanhã. Aumentei a quantidade de sanduíches. Vamos ver se consigo vender tudo.

— Vais vender, sim. Estou cansada. Fecha tudo e vamos dormir. Amanhã vais acordar muito cedo.

Depois de deixarem tudo arrumado, os dois prepararam-se para dormir. Por fim, deitaram-se depois de observarem Milena, que dormia tranquila.

Gerson abraçou a esposa e disse, satisfeito:

— Vamos agradecer a Deus por tudo o que recebemos. A Milena trouxe-nos alegria e paz. Nós somos pessoas de bem. Ninguém no mundo é mais feliz do que eu.

Joana suspirou e respondeu:

— É verdade. Eu também me sinto muito feliz por ter um marido como tu! Vamos rezar.

Em silêncio, ambos fizeram as suas orações, depois viraram-se para o lado e, ainda abraçados, adormeceram.

Os espíritos de Josias e Dalva estavam um de cada lado da cama. Com as mãos estendidas, oravam em pensamento, enquanto uma energia muito alva descia do alto derramando-se sobre eles.

— Vais levá-los ao parque das águas esta noite? — perguntou Dalva.

— Ainda não. Eles estão bem, e, por enquanto, a Áurea e o seu grupo serão suficientes. Está tudo bem. Já podemos ir.

Josias passou o braço no de Dalva e elevaram-se, deixando a barraca pelo telhado. Em poucos segundos, os seus vultos distanciaram-se rumo ao infinito.

«Lamentares-te, veres o lado pior, só vai atrair mais sofrimento. Não percas tempo com isso. Faz o oposto, vira o jogo. Acredita que a felicidade está dentro da tua alma e à tua disposição. Experimenta cultivá-la, percebe o que te deixa bem e em paz. Muda a tua vida e não te atormentes com os problemas do mundo. A vida é mais do que isso. Não percas tempo!»

Joana e Gerson são um casal jovem e trabalhador, que se prepara para ter o seu primeiro bebé, uma menina a quem dão o nome de Milena.

A sua vinda ao mundo irá trazer esperança a estes pais, que vivem com dificuldades numa favela do Rio de Janeiro. Milena é uma menina especial, que vive acompanhada pelos seus amigos espíritos e cresce rodeada de amor e força, tornando-se uma jovem advogada, determinada a ajudar os outros.

Um dia, Milena vê-se no meio da disputa familiar de um cliente: uma mãe é afastada dos seus filhos pelo avô das crianças, um homem autoritário e perigoso. Ao princípio, Milena não se quer envolver por receio do que possa acontecer, mas é guiada pelos espíritos, que a vão aconselhando a confiar e a não ter medo. Será que Milena vai conseguir ajudar esta família?

Uma história terna e encorajadora que nos revela que, apesar das dificuldades, é preciso seguir em frente e confiar que o caminho que percorremos poderá conduzir-nos à felicidade.

nascente
o curso da sua vida
20|20 editora

ISBN 978-989-8839-41-1
9 789898 839411
Ficção Espiritualista